

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial



OS BENS TERRENOS DA IGREJA DA MISERICÓRDIA (ALMADA) – SÉCULOS (XVI-XVIII)

Vanessa Dias¹, Tânia Manuel Casimiro², Joana Gonçalves³

RESUMO

As escavações arqueológicas na Igreja da Misericórdia de Almada remontam aos inícios dos anos 80 do passado século, tendo sido novamente intervencionada em 2013. Diversas sepulturas foram postas a descoberto, algumas das quais com a possibilidade de identificação da pessoa ou família ali inumada, devido à sobrevivência da pedra tumular que cobria a sepultura, onde o nome se encontrava inscrito. Associado aos restos osteológicos (já estudados), diverso espólio foi recuperado, permitindo concluir acerca do estatuto social de muitos dos indivíduos ali depositados. Cronologicamente os enterramentos e utilização do espaço sepulcral podem ser balizados entre os séculos XVI e XVIII.

Palavras-chave: Igreja, Sepulturas, Espólio, Misericórdia.

ABSTRACT

The archaeological excavation of the Igreja da Misericórdia de Almada goes back to early 1980s and again in 2013. Several graves were found, some of them with the possibility to identify the person or family buried in that church since some tombstones had their name engraved. Associated to these osteological remains several grave goods were recovered permitting to infer about the social status of many of the people buried there. The chronological use of this church as a burial site can be dated from the 16th to the 18th century.

Keywords: Church, Tombs, Grave goods.

1. INTRODUÇÃO

Durante a década de 80 foram realizadas, no interior da Igreja da Misericórdia de Almada e no Hospital Distrital de Almada, três campanhas de escavação arqueológica, por membros do Centro de Arqueologia de Almada (CAA).

A primeira intervenção data de 1982, tendo incidido sobre uma área do Hospital de Almada contigua à Igreja da Misericórdia, e surge na sequência da realização de obras, à revelia da Câmara Municipal de Almada. As mesmas foram embargadas e o CAA, através da escavação, no interior do Hospital, da área que ainda não tinha sido afectada, conseguiu recuperar espólio de relevância para o conhecimento da ocupação daquele espaço entre os séculos XIV

e XIX (Duarte, 1982, 38; Barros, Gouveia e Gomes, 1984, 80-81).

Os trabalhos posteriores, que decorreram em 1983 e em 1985, foram inseridos no projecto “Almada Medieval/Moderna”, que tinha como objectivo o desenvolvimento de escavações arqueológicas nas Igrejas da Misericórdia, de São Paulo e de Santiago para percepção da “*organização do espaço urbano em épocas anteriores*” (Barros, Gouveia e Gomes, 1984, 80; Sabrosa e Santo, 1992, 8).

As intervenções foram autorizadas pelo então Instituto Português do Património Cultural (IPPC), tendo-se escavado o interior da Capela da Nossa Senhora dos Passos e o corpo central da Igreja da Misericórdia, onde já se sabia existirem seis lápides de pedra sob o soalho de madeira (Barros, Gouveia

1. Centro de Arqueologia de Almada; vsitimadias@gmail.com

2. IAP/IHC – NOVA FCSH, Pós-doc FCT; tmcasimiro@fcs.unl.pt

3. IAP – NOVA FCSH; joanafrgoncalves@gmail.com

e Gomes, 1984, 81). Além das sepulturas com lápide, foram identificadas onze fossas, de forma sub-retangular, igualmente correspondendo a enterramentos.

Em 2013, e com a ajuda de fundos europeus, a Santa Casa da Misericórdia de Almada levou a cabo um projecto de requalificação deste espaço, permitindo a conservação e a valorização do edifício e de todo o seu conteúdo. As obras de valorização obrigaram ao acompanhamento arqueológico das picagens parietais e das áreas que, até à data, não tinham sido escavadas: a zona da entrada e o altar-mor da igreja. A Palimpsesto foi a empresa responsável por estes trabalhos, tendo identificado um grande ossário na zona da entrada, onde além do espólio osteológico, se recolheram algumas contas de terço, em osso, e pequenas medalhas, de bronze. Foi igualmente identificada, sob o altar, uma cripta que não foi alvo de qualquer intervenção (Figueiredo e Ferreira, 2014). As lápides das sepulturas foram integradas no actual pavimento do corpo central da igreja.

O estudo antropológico dos vestígios osteológicos das primeiras campanhas foi efectuado por Filipa Neto, no âmbito da sua tese de mestrado, desenvolvida na Universidade do Algarve. As evidências analisadas permitiram concluir que ali foram inumados cerca de 110 indivíduos, de diferentes géneros e idades (Neto, 2009). Este número está longe de corresponder ao total de pessoas enterradas naquela igreja, visto que a este número tem de se associar os indivíduos identificados durante a intervenção arqueológica de 2013. Grande parte desta gente foi enterrada com espólio, seja ele de uso pessoal, um pouco contra os cânones religiosos que mandavam que se saísse desta vida despojado de bens materiais (Alexandre-Bidon, 1993, 184), ou de cariz religioso, tais como contas, rosários ou medalhas, com a representação de figuras religiosas.

A metodologia implementada, no estudo do espólio associado às sepulturas, passou pela análise das evidências da cultura material, sepultura a sepultura, tentando a sua identificação por indivíduo. Foram ainda considerados os achados que, fora das sepulturas, terão correspondido a objectos depositados com os inumados, pois a sua tipologia era semelhante à que foi identificada no interior das sepulturas. Tais objectos podem ter conhecido realocação aquando da abertura das sepulturas para novos enterramentos.

2. A IGREJA DA MISERICÓRDIA

A Igreja da Misericórdia de Almada (CNS: 2986), parte do património da Santa Casa da Misericórdia, é constituída após as obras de remodelação da capela medieval do Hospital de Santa Maria de Almada, em 1564⁴, dois anos depois da sua propriedade ter sido atribuída à Misericórdia, através de provisão régia redigida por D. João III (Barros, Gouveia e Gomes, 1984, 80; Neto, 2009, 209).

O terramoto de 1755 provocou-lhe grandes danos estruturais, levando à sua reconstrução durante os anos seguintes. As obras respeitaram o traço original do templo, tendo-se registado apenas pequenas transformações na entrada que, seguindo a simetria da rua, provocaram alterações no eixo original com o Altar-Mor.

Durante as últimas décadas foram efectuados vários trabalhos de remodelação. A reformulação do piso do corpo central motivou os trabalhos arqueológicos realizados pelo CAA (Barros, Gouveia e Gomes, 1984; Sabrosa e Santos, 1992), e a profunda requalificação de 2013, possibilitou a reabertura da Igreja ao culto, o restauro do retábulo e de inúmeras figuras sacras que partilham a história do espaço (Figueiredo e Ferreira, 2014).

Este edifício localiza-se no centro histórico do concelho de Almada, na União das Freguesias de Almada, Cova da Piedade, Pragal e Cacilhas, distrito de Setúbal, Carta Militar de Portugal 1/25 000, n.º 431, com as seguintes coordenadas: X 38,683313; Y -9,157286 (WGS 84) e 60 metros de altitude. Confronta-se a noroeste com a Rua Dom José de Mascarenhas e a sudeste com a Rua Henriques Nogueira.

Está classificada como Monumento de Interesse Público pela Portaria n.º 404/2013, DR, 2.ª série, n.º 117, de 20-06-2013, beneficiando de uma zona de protecção regulamentada nos capítulos I e II do Decreto-lei n.º 107/2001 de 8 de Setembro.

3. A NECRÓPOLE DA IGREJA DA MISERICÓRDIA DE ALMADA

No decorrer das intervenções de 1983 e 1985, no corpo central da igreja, foram identificadas seis sepulturas cobertas com lápide tumular em calcário, todas elas gravadas com os respectivos epitáfios,

4. (www.scma.pt/igreja-misericordia) [consultado em 25/06/2017]

bem como, onze sepulturas sem qualquer tipo de estrutura pétreo, correspondendo apenas a fossas, de forma sub-rectangular, com os cantos arredondados, escavadas no solo (Figura 1) (Barros, Duarte e Gomes, 1985).

Quase todas as sepulturas continham restos osteológicos de vários indivíduos, e a maioria foi reutilizada várias vezes, como comprova a presença de ossários e de reduções junto do último enterramento realizado (Neto, 2009, 213).

A identificação de restos de madeira, tachas e outros elementos metálicos durante a escavação de algumas sepulturas, revela a utilização, em grande parte delas, de caixão para deposição do corpo no interior das covas. Sobre alguns esqueletos conservava-se a cal, colocada no momento do funeral, para ajudar na decomposição natural dos tecidos moles. Esta matéria, provavelmente devido à humidade existente, acabou por solidificar e conservar em negativo as texturas e as formas do tecido que compunha as vestes ou mortalhas dos indivíduos.

Com base nas sepulturas datadas, as balizas cronológicas de utilização desta necrópole ter-se-ão situado entre o último quartel do século XVI (1577) e meados do século XVIII (1715).

Sepultura 1. É o local de enterramento de Francisco Caldeira Freire e seus descendentes, identificação obtida através da pedra tumular, onde consta a inscrição: *Sepultur^{AS} DE FRANCIS^{CO} CALDEIRA | FREIRE E DE SEVS ERDE^ROS*. Este enterramento não foi escavado em 1983/85 devido ao peso da lápide e à dificuldade em deslocá-la. Em 2013, esta foi apenas elevada, para ficar enquadrada com o actual pavimento da igreja.

Sepultura 2. Corresponde à morada final dos restos mortais de um indivíduo de nacionalidade alemã, de seu nome Gervasio van Durem, e de sua mulher, Maria Dias, possivelmente portuguesa. A identificação destes indivíduos foi feita com base na lápide tumular, que contém a epígrafe: *Sepultura DE GERVAZIO VAN | DVREM ALEMÃO E DE | MARIA DIAS SVA | MOLHER | TEM MISSA COTIDI|ANA | FALECERÃO EM IA|NEIRO DE 1658*. O espólio associado a esta sepultura é amplo e indicativo dos diversos estados deste sepulcro, que parece ter sido mexido até bem mais tarde, levando inclusive ao desaparecimento de parte do rosário que acompanharia o defunto. Foi identificado um indivíduo do

sexo masculino, em decúbito dorsal, com os membros inferiores esticados e os membros superiores sobre a pélvis, possivelmente Gervasio Van Durem. O estudo paleobiológico revelou a presença de um outro inumado que, apesar das dúvidas em relação à sua diagnose sexual, que se pense ser Maria Dias, como indica a lápide (Neto, 2009, 216-217). O espólio associado é vasto, destacando-se imediatamente os restos do caixão com dezenas de tachas ou pregos de forro, de pequenas dimensões, que prenderiam o forro, de tecido, às paredes de madeira, tendo esta subsistido em percentagens muito pequenas. Destaca-se ainda porção de debrum, elaborado em fio de liga de cobre, que decoraria o interior da urna. Este caixão parece, efectivamente, tratar-se de objecto de elevada qualidade, facto atestado igualmente pela sua fechadura, que sobreviveu na sepultura, associado ainda a um prego em ferro. No interior deste foram identificados diversos blocos de cal, sugerindo a sua utilização aquando do enterramento (Barros, Duarte e Gomes, 1985, 3), tendo possivelmente este material sido o responsável pela sobrevivência de diversos pedaços de tecido e couro, que não sabemos se corresponderiam às vestes, ou mortalha dos indivíduos. Relativamente ao rosário, sobreviveram apenas duas contas hemisféricas e duas contas em balaústre que, associadas, apresentariam a forma de cruz. Esta é, certamente, a sepultura mais enigmática da escavação devido à presença, junto às mãos do inumado, de dois objectos em madeira, de forma sub-cilíndrica, associados a fio, trabalhado, de liga de cobre, que os envolvia (Figura 5). Ainda que passível de rectificação, a interpretação que nos parece mais adequada é a de estes objectos terem pertencido às extremidades de um qualquer rolo de pergaminho. Foram recuperados, no seu interior, dois numismas. O mais antigo corresponde a real preto de D. Afonso V, que acreditamos ter ali estado aquando da abertura da sepultura. O outro, foi identificado como uma moeda de cinco reis de D. Luís I, que julgamos aí ter ido parar aquando das reaberturas da sepultura.

Sepultura 3. Corresponde ao túmulo de Miguel Pinheiro, tal como surge identificado na lápide de calcário que a cobre: *Sepultura De MIGUEL | PINHeir^O CAPE|LÃO DO SenhoR |DOM IO^RGE MES|TRE De SaNTIA|GO E BENEFI|CEAD^O D^ESTA VIL|LA E VIGARIO |NELLA E DE |SEUS ERDE^ROS*. Foi uma das mais reutilizadas, neste contexto, contando com a presença de vinte e quatro inumados. Ca-

torze ossadas correspondiam a adultos, nove do sexo masculino e cinco do sexo feminino, a maioria com idades entre os 20/25 anos e 40/50 anos, e um com mais de 60 anos. Foram ainda reconhecidos dez imaturos, de diversas idades (Neto, 2009, 218). Esta parece ter sido a sepultura de Miguel Pinheiro, que recebe carta de hábito, para freire clérigo, da Ordem de Santiago, a 24 de Abril de 1547 (Pimenta, 2001, 544) e se torna capelão de D. Jorge, mestre da ordem de Santiago (filho bastardo de D. João II e D. Ana Mendonça), ainda que se desconheça a data da sua morte, ocorrida algures durante a segunda metade do século XVI. O esqueleto do último inumado, que ainda conservava toda a conexão anatómica, encontrava-se em decúbito dorsal, com os membros inferiores esticados e os superiores flectidos sobre o peito. Possuía orientação Este-Oeste. Não se identificaram vestígios do uso de caixão ou mortalha. Devido à quantidade de indivíduos aqui inumados, o espólio associado aos seus restos mortais é igualmente profuso, ainda que impossível de atribuir a algum indivíduo em particular. Ao exemplo da sepultura anterior foi identificado o fio de liga de cobre enrolado, que faria a decoração interior do caixão, tendo sobrevivido inclusive, devido aos materiais biocidas da oxidação dos metais cúpricos, parte do tecido que forrava o caixão, ainda que muito danificado. Diversos pregos em ferro pertenceram, por certo, a um dos caixões aqui depositados. Desconhecemos se os inumados eram enterrados com a indumentária pessoal ou, se obedecendo a cânones religiosos, simplesmente embrulhados em mortalha, no entanto, no interior desta sepultura foram encontrados quatro alfinetes, em liga de cobre, de pequenas dimensões, ditos de mortalha. Também esta sepultura tinha evidências de algum dos herdeiros de Miguel Pinheiro, ou o próprio, ter sido sepultado com um rosário, recuperando-se 17 contas, em osso, e uma medalha, em chumbo, muito danificada. Destacam-se os anéis aqui recuperados, seis em vidro e um em liga de cobre, segundo consta no relatório da escavação, ainda que apenas dois dos anéis em vidro se encontrem depositados no interior dos contentores de espólio guardados no CAA. Os anéis identificados foram produzidos com vidro escuro e apresentam diâmetros de 0,016 m e 0,018 m. O anel metálico não possui qualquer tipo de decoração, sendo o seu diâmetro de 0,019 m (Figura 4).

Sepultura 4. Corresponde à SEPULTURA DE |DU-ARTE RODRIGUIZ |CAVALEIRO DO |ABITO DE SAN|TIAGO E DE SEVS |ERDEIROS |1577, de acordo com a epígrafe que a cobre, tendo sido reconhecidos seis indivíduos no seu interior. A lápide encontra-se ainda decorada com a Cruz-Espada de Santiago. Esta é, sem dúvida, uma das sepulturas mais interessantes devido à quantidade e variabilidade do seu espólio, tendo-se recolhido uma espada em ferro, com cerca de 0,600 m de comprimento (Figura 5). Tal não é, efectivamente, um achado muito comum, acrescentando o interesse quando se sabe que um dos seus principais inumados foi cavaleiro da Ordem de Santiago, morador em Almada, que recebeu carta e hábito a 27 de Abril de 1548 (Pimenta, 2001, 395). Se a espada pertenceu a este indivíduo ou a um dos seis herdeiros (Neto, 2009, 218) ali encontrados é difícil de saber, contudo, parece-nos que ele deve ter sido o inumado que mais destaque ali tinha, tendo este objecto acompanhado o seu proprietário em campanhas no Norte de África. Num dos esqueletos, provavelmente o que pertenceria a Duarte Roiz, foram identificadas, num osso coxal, entesopatias severas nas tuberosidades esquiáticas, confirmando a sua actividade como cavaleiro (Neto, 2009, 218). Foi igualmente encontrado pequeno alfinete que prenderia mortalha. De destacar a presença de três medalhas, duas em liga de cobre e outra em estanho (Figura 5). As medalhas encontram-se com elevado estado de concreções e difíceis de reconhecer, no entanto, numa delas, de pequenas dimensões e com aletas laterais, identifica-se uma Nossa Senhora da Conceição e, em outra, maior, um Cristo Crucificado, num dos lados e, no outro, o que supomos ser um santo, de perfil, com elevado pormenor no cabelo e orelha. Não é de estranhar a presença do rosário com 69 contas, entre ovais e hemisféricas, que pertenceram ao último inumado ali depositado, um dos herdeiros. O esqueleto, em posição anatómica, encontrava-se em decúbito dorsal, com os membros inferiores estendidos e os superiores flectidos e cruzados sobre o tronco. Possuía orientação Este-Oeste.

Sepultura 5. A *Sepultura* DE BENTO FFRANCISCO |E DE SVA MULHER Maria |JOÃO TEM ESTA SANTA |CAZA DA MISERICOR|DIA OBRIGAÇÃO DE DV|AS MISSAS QVOTIDIANN|AS PELLA ALMA DE CADA |HVM SUA MISSA E DAR DOIS |DOTES EM DIA DE *Santa* CATHERI|NAM

E VETIR POBRES EM |Dia DE Santa IZABEL TODOS |OS ANNOS EM QUANTO MUN|DO DVRAR PÊRA O QVE DI|XARÃO De SVAS TERÇAS DO|ZE MIL CRUZADOS A DITA |Santa CAZA O QUE CONSTA DO |TESTAMENTO COMO FALLE|CERÃO A ESCRITVRA FEITA |NAS NOTAS DO TABELIÃO |BELCHIOR LEITÃO Que ESTA |NO CARTÓRIO DSTA Santa CA|ZA FALLECERÃO NO ANNO |De 1715, corresponde, por certo, a alguns dos inumados mais abastados que ali foram depositados. Apenas dois indivíduos adultos, um masculino e um feminino, foram identificados no interior desta sepultura, envoltos em cal, muito provavelmente os que se encontram mencionados na lápide tumular. Aos pés da sepultura foi identificado um feto, com cerca de 32-34 semanas, que se desconhece ser, ou não, filho de Bento Francisco e Sua Mulher (Neto, 2009, 220). Pelo menos um caixão de grandes dimensões, com pregaria de ferro, fechado com uma fechadura, igualmente em ferro, foi aqui depositado. Sobreviveram, também em ferro, as seis pegas que serviriam ao seu transporte. No interior, este estaria decorado com debrum em cobre, entrelaçado, pregado às paredes do caixão com tachas, igualmente de cobre, de pequenas dimensões (Barros, Duarte e Gomes, 1985, 4). O interior do caixão apresentava restos de cal misturada com tecido, possivelmente linho. Um dos inumados foi depositado com grande rosário, com 62 contas, em osso, de forma hemisférica achatada, e outras seis torneadas. A escavação comprovou a morte dos indivíduos e a sua inumação com pouco tempo de diferença, uma vez que, devido à presença de tecidos moles, supõe-se não ter sido possível a redução do primeiro sepultado, para colocação do segundo (Barros, Duarte e Gomes, 1985, 5).

Sepultura 6. Não foi escavada em 1985. Menciona, na lápide que a cobre, que AQVI IAZ Louren^{CO} |CALDEIRA CI|DADÃO DA CII|DADE DE LIXboa |FALEZEO a 14 |DOVTVBRO |1578 E DE SEVS |ERDeiROS. Em 2013, foi apenas elevada, para ficar enquadrada com o actual pavimento da igreja.

Sepultura 7. Fossa de inumação sub-rectangular, escavada no sedimento argiloso. Correspondendo a um enterramento individual, o esqueleto encontrava-se em decúbito dorsal, orientado Este-Oeste, com os membros inferiores esticados e os

superiores dobrados sobre o tronco. O único espólio recuperado limitou-se a pequena conta hemisférica, em osso, no entanto esta poderá ter sido oriunda das terras ali próximas, aquando da sua inumação.

Sepultura 8. Apresentando forma sub-rectangular, foi escavada no sedimento argiloso, tendo sido reconhecidos diversos indivíduos no seu interior. Identificou-se um esqueleto, bastante fragmentado, em decúbito dorsal, com orientação Este-Oeste. O espólio era escasso, apenas com uma pequena conta, que se suspeita ser de madeira e um alfinete, em liga de cobre.

Sepultura 9. Reconheceram-se diversos indivíduos, sem ser possível atestar a identidade de nenhum deles. Constitui-se por uma fossa simples, sub-rectangular, escavada no solo. Esta foi uma das sepulturas que mais espólio ofereceu, contando com 110 contas esféricas e ovais, uma das quais muito queimada, e 12 contas torneadas, em osso, algumas com coloração verde, provavelmente de terem estado em contacto com duas medalhas, em cobre. A estas contas associam-se duas outras em balaústre, que terão sido compostas em forma de cruz. Identificou-se ainda uma conta em coral, de coloração rosa e tom claro. Ainda que nenhuma evidência de caixão tenha sido reconhecida foi recolhido um prego, em ferro, e uma pequena tacha em cobre, correspondendo a prego de ferro de caixão. É possível que estes dois elementos metálicos, juntamente com os três fragmentos de escória de ferro tivessem ali ido parar aquando da reabertura da sepultura para mais uma inumação.

Sepultura 10. Apresenta inúmeros enterramentos, onde se identificaram várias reduções. Constitui-se por uma fossa simples, sub-rectangular, escavada no sedimento argiloso. O único esqueleto que conservava conexão anatómica estava em decúbito dorsal, com os membros inferiores estendidos e os superiores dobrados sobre o tronco. A ausência de espólio, exceptuando um pequeno alfinete de mortalha, parece indicar que estes indivíduos respeitaram o cânone religioso e foram enterrados completamente despojados de bens materiais.

Sepultura 11. Enterramento individual, em fossa escavada no sedimento argiloso. O esqueleto possuía orientação Este-Oeste e estava em decúbito dorsal,

com os membros inferiores estendidos e os superiores dobrados sobre o tronco. Ainda que diversos objectos tenham sido recuperados, acreditamos que alguns deles ali foram parar, oriundos das terras da igreja, aquando do seu sepultamento. Destes contamos alguns fragmentos de telha e tijolo, fragmentos e escória de cobre (possivelmente oriundos da pequena forja ali identificada), um numisma de D. Duarte e fragmentos de fio de cobre. Devem ter pertencido ao inumado o alfinete em cobre, as 58 contas ovais e as oito contas torneadas, em osso, ainda dispostas em forma de rosário, ao lado da perna direita, bem como a conta em balaústre que formaria parte da cruz. De destacar o aparecimento de pequena figa, em azeviche, e duas medalhas em liga de cobre (Figura 5).

Sepultura 12. Corresponde a fossa rectangular escavada no solo, onde foram inumados diversos indivíduos. O esqueleto que ainda apresentava conexão anatómica encontrava-se em decúbito dorsal, com orientação Este-Oeste, os membros superiores dobrados sobre o tronco e os inferiores estendidos. Sobre este encontravam-se várias ossadas. O espólio recolhido no interior da sepultura corresponde a 20 contas esféricas achatadas de pasta vítrea branca, uma conta de pasta vítrea preta oval, 66 contas esféricas e esféricas achatadas e seis contas torneadas, de osso. A desorganização deste espólio indica que os rosários não pertenceram ao último inumado.

Sepultura 13. Enterramento individual, em fossa escavada no solo argiloso. O esqueleto apresentava orientação Este-Oeste e estava em decúbito dorsal, com os membros inferiores estendidos e os superiores dobrados sobre o tronco. Este indivíduo foi enterrado com um dos maiores rosários identificados nesta escavação, que contava com 190 contas esféricas achatadas, mais alguns fragmentos que foi impossível contabilizar, 15 contas torneadas e uma conta em balaústre, correspondendo a parte da cruz, todas produzidas em osso. Foram ainda identificados dois pregos de ferro de caixão, em cobre, possivelmente ali colocados aquando da inumação, mas originalmente oriundos de outra sepultura.

Sepultura 14. Possui enterramentos múltiplos, em fossa irregular, escavada no sedimento argiloso. Dois esqueletos ainda se encontravam conexão anatómica, sobrepostos, ambos em decúbito dorsal, com

orientação Este-Oeste, com os membros inferiores esticados e os superiores flectidos sobre a cavidade abdominal. Sobre estes encontravam-se várias ossadas. O espólio, pertencendo a qualquer um dos diversos indivíduos ali depositados contava com 105 contas esféricas achatadas e três contas torneadas muito pequenas, bem como duas contas em balaústre queimadas, todas em osso, podendo, ou não, corresponder ao mesmo rosário. Encontrou-se ainda um alfinete, em ferro.

Sepultura 15. Registou a presença de um grande ossário, com inúmeros indivíduos, colocados em fossa escavada no solo. Foram aqui recuperadas 19 contas esféricas, uma conta torneada, uma conta em balaústre, uma conta correspondendo aos braços da cruz do rosário, todas em osso e uma grande conta esférica, em âmbar. Encontrou-se ainda uma pequena medalha, em liga de cobre, de forma oval, na qual se reconhece santo que segura um bastão, possivelmente São Cristóvão, muito embora o estado de conservação não o permita concluir, sobretudo porque não é possível inferir se carrega alguma criança aos ombros. Foi ainda recuperado um real de D. Sebastião.

Sepultura 16. Trata-se de fossa sub-rectangular com diversos enterramentos identificados no seu interior. A última inumação possui orientação Este-Oeste, o corpo foi colocado em decúbito dorsal, com os membros inferiores estendidos e os superiores dobrados sobre a cavidade abdominal. Não foi recuperado qualquer espólio.

Sepultura 17. Sepultura múltipla em fossa irregular, escavada sobre no sedimento argiloso. O último enterramento, com orientação Este-Oeste, encontrava-se em decúbito dorsal, com os membros inferiores estendidos e os superiores flectidos sobre o tronco. As ossadas dos outros indivíduos foram dispostas aleatoriamente sobre o último esqueleto, não tendo sido recuperado qualquer espólio no seu interior.

Capela de Nossa Senhora dos Passos. Tal como mencionado, no interior desta capela, localizada ao fundo, do lado direito do altar-mor (Figura 1) foram igualmente feitas escavações arqueológicas. O material aqui identificado não pode ser directamente atribuído a qualquer sepultura, no entanto, as suas características fazem-nos acreditar que terão che-

gado àquela igreja aquando da inumação dos seus proprietários. A reabertura sucessiva das sepulturas para a colocação de novos corpos levou a que estes materiais deixassem o seu depósito original sendo recolocados em diversas partes da igreja. No entanto, não podemos descartar a possibilidade de alguns destes artefactos terem pertencido às diversas pessoas que ali iam assistir ao culto religioso. Foram aí encontrados: em cobre, um pequeno alfinete, um botão, tachas de diferentes dimensões, que pregariam o forro de caixões ou outro tipo de mobiliário, fragmentos da bainha de um punhal e um anel; em coral uma conta e um fragmento que pode ter pertencido a um qualquer adorno; uma conta em âmbar; uma conta em vidro *millefiori*; algumas contas em osso hemisféricas, semelhantes às dos rosários; contas em madeira; pregos em ferro; fragmento de uma grande figa em azeviche e diversos numismas.

4. DISCUSSÃO

Os enterramentos escavados no interior da Igreja da Misericórdia proporcionaram-nos informação de grande importância na forma como os habitantes almadenses e lisboetas (sepultura 6) encaravam a morte. Em primeiro lugar, devemos mencionar que estamos perante uma comunidade muito diferente, do ponto de vista social, conclusão retirada através da análise do túmulo e espólio, mas igualmente com base no estudo antropológico (Neto, 2009). Certamente que os cavaleiros da Ordem de Santiago ali depositados ou aqueles com posses para mandar rezar missas “EM QUANTO MUNDO DVRAR” estariam entre os mais abastados, com posses suficientes para ter a sua própria lápide e que certamente se fizeram acompanhar dos seus bens mais representativos. Toda a ritualização associada às exéquias sugere que o morto poderia levar alguns objectos que lhe fossem próximos ou espólio que ajudasse na sua existência *post-mortem*, tal como uma espada, objecto de prestígio entre os cavaleiros (Treffort, 1993, 68). No entanto, acreditamos que muitos dos indivíduos ali inumados o fossem apenas envoltos em mortalha, presa por alguns alfinetes e despojados de qualquer bem material, conforme ditava o cânone religioso.

A maior parte dos artefactos recuperados nesta escavação arqueológica corresponde a contas elaboradas em diversos materiais. A forma redonda da conta pode representar a unidade divina, símbolo de equilíbrio e símbolo de orações.

As contas em osso, claramente destinadas à composição de rosários são centenas. Elas possuem formas distintas. As mais frequentes apresentam formas simples, hemisféricas, hemisféricas achatadas ou ovais que acreditamos corresponderem às Ave-Marias. Menos frequentes são as contas torneadas que certamente correspondiam aos Pai-Nosso. A oração da Salve-Rainha estaria conectada com as diversas medalhas que surgem dentro das sepulturas enquanto o Credo, oração criada no ano de 451, durante o concílio de Niceia, estaria representado na cruz final, obtida através do cruzamento de duas contas em balaústre.

Este tipo de achados encontra-se entre os mais frequentes nas necrópoles de Idade Moderna escavadas em Portugal com notícias de achados em diversas necrópoles, de norte a sul do país, ainda que parcamente publicados. Evidências de rosários com contas em osso foram encontradas na necrópole do antigo Convento de Jesus, em Lisboa, hoje a Academia de Ciências de Lisboa (Cardoso, 2008), na necrópole medieval e moderna da alcáçova do castelo de Mértola (Rafael *et al.*, 2015, 261), no Convento de Santana de Lisboa (Gomes, Gomes e Gonçalves, no prelo), na necrópole da escavação do Senhor da Boa Morte, em Vila Franca de Xira (Mendes e Pimenta, 2017), na Igreja de Nossa Senhora do Cadaval (Cardoso, 2007) ou a necrópole na Igreja Paroquial de Corroios (Barros e Raposo, 1984, 30), entre dezenas de outros sítios. O elevado número de rosários e contas em osso recuperados em diversas escavações arqueológicas faz-nos acreditar numa produção em grande escala durante a Idade Moderna. Em 1552, a *Estatística de Lisboa* menciona que só nesta cidade existiam “6 casas onde fazem contas de rezar, sem fazerem outro officio” (Brandão, 1992, 188).

Acreditamos ter sido parte de um rosário as 20 contas em pasta vítrea branca identificadas na sepultura 12, assim como seriam igualmente efectuados com pequenas contas em madeira de que foram recolhidos quatro exemplares. Os rosários poderiam ser feitos em diferentes materiais, dependendo do gosto ou capacidade monetária do seu proprietário.

Apesar do elevado número de contas em osso e pasta vítrea estes pequenos artefactos surgem produzidos em outros materiais tais como o âmbar ou o coral, cuja simbologia não deve ser ignorada. Em época medieval e moderna o âmbar é proveniente sobretudo da zona do Báltico. Esta resina fóssil era conhecida por possuir características profiláticas e

apotropaicas, com capacidades para curar, proteger e fornecer boa energia. Em certos casos estas contas, de maiores dimensões e diferentes cores, podiam ser usadas como Salve-Rainha nos rosários, ainda que sejam mais frequentes nos objectos de adorno pessoal, tais como brincos (Ross, 1999). Protegeriam o indivíduo em vida e acompanharam-no na morte. Contas semelhantes foram recuperadas em necrópoles em Silves (Casimiro, Chanoca e Vieira, 2008, 250) e Mértola (Rafael, et al, 2015).

O coral, identificado como possuindo propriedades apotropaicas, capazes de protegerem de intempéries, mau-olhado, demónio, feitiços, doenças, mas igualmente de restaurar forças e o sangue, inclusive pela sua associação cromática, o coral podia ser tomado moído e sobretudo a sua variedade branca (Gomes, Gomes e Gonçalves, no prelo). Uma vez que os exemplares agora estudados são em tão baixo número e dispersos, consideramos inviável considerá-los como elementos de rosários ou de terços sendo mais plausível terem feito parte de brincos ou de outros adereços, podendo, nomeadamente, terem sido fixados à roupa.

O azeviche, variedade de lignite, ou seja, carvão mineral de origem vegetal, de característica cor negra, foi cedo associado a propriedades mágicas e apotropaicas, como afastar serpentes e demónio, inveja, má sorte e mau-olhado, assim como capaz de curar algumas doenças e, também pela sua cor, associado à morte e ao luto. Para melhor servir o seu propósito de amuleto deveria ser utilizado junto ao corpo, em elementos de adorno, como anéis, brincos e pendentes. Duplamente significantes são os amuletos, que aliavam a simbologia do material, o azeviche, à forma representada, a figa. Tido como gesto obsceno pela Igreja, por aliar os órgãos genitais masculino e feminino, reveste-se contudo de uma componente mágico-religiosa que o eleva a um dos amuletos protectores mais difundidos nesta época (Gomes, Gomes e Gonçalves, no prelo). Não deixa de ser irónica a sua comum ocorrência em contextos religiosos, como o agora apresentado.

Foram identificadas seis medalhas, nesta intervenção arqueológica, nas sepulturas 3, 4, 12 e 15. Duas delas, alvo de conservação e limpeza para a sua utilização em exposição, são as mais facilmente identificáveis. Estas medalhas, maior parte fazendo parte dos rosários, mostram diferente iconografia religiosa. Reconheceram-se as figuras de Nossa Senhora da Conceição, coroada por estrelas, Nossa Senhora do

Cabo, Cristo no Calvário e Santo António de Pádua, ainda que algumas medalhas sejam impossíveis de reconhecer a figura ali representada. Estas medalhas são igualmente frequentes em diversas escavações de Idade Moderna, sobretudo associadas a necrópoles, em Portugal e no Novo Mundo (Boavida, 2011; Deagan, 2002, 48).

Foram recuperados diversos numismas no interior e exterior das sepulturas, no entanto, não foi possível compreender se algum daqueles fez parte do ritual de enterramento do indivíduo, como tem sido frequentemente identificado em diversos enterramentos medievais e modernos, pelo que a lista seria exaustiva e desnecessária. Nenhuma moeda foi encontrada directamente associada ao enterramento, nas mãos ou junto ao corpo do inumado, na continuação de ritual milenar em que uma moeda pagaria a passagem para o outro mundo. A sua presença dentro das sepulturas pode indicar esse uso, difícil de reconhecer em sepulturas muito reutilizadas.

A sepultura de Duarte Rodrigues, cavaleiro do hábito de Santiago, ofereceu um dos objectos mais interessantes desta intervenção. Associada a esta sepultura, ainda que muito fragmentada, foi encontrada espada de ferro. A identificação de espadas em contexto arqueológico é rara, no entanto é possível que muitos nobres e cavaleiros se quisessem fazer acompanhar por elas. Tal foi o caso de Fernão Martinz de Mascarenhas, sepultado na cripta de sua família no Convento da Saudação, de Montemor-o-Novo, sepultado com a espada de seu pai, D. João de Mascarenhas, falecido em África na batalha de Alcácer Quibir.

Os objectos de uso pessoal traduzem-se em anéis de vidro e de cobre. Estes objectos são frequentes no Portugal Moderno e frequentemente encontrados em escavações arqueológicas, como foi o caso das escavações na Biblioteca de Mértola (Palma e Rafael, 2012).

Os processos tafonómicos da necrópole da Igreja da Misericórdia permitiram a conservação de diversos vestígios em madeira, nem sempre frequente nas necrópoles de cronologias afins. Neste sentido, foi possível determinar que muitos dos indivíduos ali depositados teriam posses para faustosos caixões, ricamente decorados, com inúmeros pregos de ferro e debruns em cobre, muitos deles cerrados com fechaduras, semelhantes a outros achados associados a caixões.

5. CONCLUSÃO

A análise dos bens das sepulturas da Igreja da Misericórdia de Almada mostra que os indivíduos enterrados nesta igreja teriam diferentes estatutos sociais e níveis de riqueza. A abundância em vida quiseram transportá-la consigo após a morte. O estudo antropológico já havia revelado que existiam indivíduos com diferentes patologias, provocadas inclusive por infâncias menos saudáveis e reveladoras de diferentes grupos sociais. Não é de estranhar que o espólio mais rico esteja associado às sepulturas com pedra tumular, e cuja identificação do indivíduo foi possível.

A escavação da Igreja da Misericórdia revelou um espólio que podemos designar quase de funerário, destacando-se os restos de caixões, contas de rosário, medalhas e objectos de carácter apotropaico e profiláctico que acompanhariam e protegeriam o indivíduo na morte. Destaque deve ser dado à espada em ferro, na sepultura de Duarte Rodrigues, por revelar como pessoas de elevado estatuto social queriam fazer-se acompanhar na morte pelas insígnias que os tornavam socialmente distintos em vida.

BIBLIOGRAFIA

- ALEXANDRE-BIDON, Danièle (1993) – Gestes e expressions du deuil, in *A Réveiller les morts. La mort au quotidien dans l'Occident médiéval*. Lyon: Presses universitaires de Lyon. pp. 121-133.
- BARROS, Luís; GOUVEIA, Luís; GOMES, Maria Fernanda (1984) – Igreja da Misericórdia de Almada. *Al-madan*. Iª Série, nº 2. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. pp. 79-83.
- BARROS, Luís; RAPOSO, Jorge (1984) – Intervenção Arqueológica na Igreja Paroquial de Corroios. *Al-madan*, I série, nº 3. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. pp. 28-30.
- BARROS, Luís; DUARTE, Ana; GOMES, Maria Fernanda (1985) – Igreja da Misericórdia da Almada. *Relatório de Trabalhos Arqueológicos*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada (texto policopiado, não publicado).
- BOAVIDA, Carlos (2011) – Artefactos metálicos do castelo de Castelo Branco (Portugal). *Açafa online*, nº 4. Associação de Estudos do Alto Tejo. pp. 1-44.
- BRANDÃO, João (1990) – *Grandeza e abundância da Cidade de Lisboa em 1552*. Lisboa: Livros Horizonte.
- CARDOSO, Guilherme (2007) – *A Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Cadaval. Trabalhos Arqueológicos realizados em 2003*. Cadaval: Câmara Municipal de Cadaval.
- COVANEIRO, Jaquelina; CAVACO, Sandra; CARMO, Teresa (2015) – Estudo antropológico do Convento de Nossa Senhora da Graça, Tavira (Portugal) in *Arqueologia de Transição: O Mundo Funerário: actas do II Congresso Internacional sobre Arqueologia de Transição*. Évora: CHAIA. pp. 332-340.
- DEAGAN, Kathleen (2002) – *Artifacts of the Spanish Colonies of Florida and the Caribbean 1500-1800*, vol. 2. Washington: Smithsonian Institution Press.
- DUARTE, Ana (1982) – Obras no hospital de Almada levam a descoberta de vestígios arqueológicos. *Al-Madan*. Iª série, nº 0. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. p. 38.
- FIGUEIREDO, Margarida; FERREIRA, Ângela (2014) – *Relatório da intervenção de conservação, recuperação e restauro da Igreja da Misericórdia de Almada*, Palimpsesto, S.A. (policopiado, não publicado).
- CASIMIRO, Tânia, CHANOCA Cristina; VIEIRA, Ana (2008) – Silves Polis: duas necrópoles medievais in *Actas do 5º Congresso do Algarve*. Silves: Câmara Municipal de Silves. pp. 243-254.
- CARDOSO, João Luís (2008) – Resultados das escavações arqueológicas realizadas no claustro do antigo Convento de Jesus (Academia das Ciências de Lisboa) entre Junho e Dezembro de 2004. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 11 (1). Lisboa: DGPC. pp. 259-284.
- GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela; GONÇALVES, Joana (no prelo) – Objectos de uso pessoal, produzidos em matéria animal, do Convento de Santana, de Lisboa in *Actas do I Encontro de Arqueologia de Lisboa, Uma Cidade em Escavação*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa.
- GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela; GONÇALVES, Joana (no prelo) – Artefactos de azeviche do Convento de Santana de Lisboa in *Actas do Colóquio «Do Carmo a São Vicente» Homenagem a Fernando Rodrigues Ferreira*. Lisboa. Comissão de Estudos Olisiponenses – Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- GOUVEIA, Luís; BARROS, Luís (1985) – Escavações do CAA: Verão/83. *Al-madan*. Iª série, nº 1. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. p. 54.
- MENDES, Henrique; PIMENTA, João (2017) – Guia da exposição Do Tejo à montanha. Da montanha às Lezírias. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.
- NETO, Filipa (2009) – Estudo paleobiológico da necrópole da Igreja da Misericórdia de Almada. *Promontoria*. nº 7/8. Faro: Universidade do Algarve.
- PALMA, Maria de Fátima; RAFAEL, Lígia (2012) – Vidros, ossos e metais da intervenção arqueológica na Biblioteca Municipal de Mértola (Portugal), in *Actas do V Encontro de arqueologia do Sudoeste peninsular*. Almodôvar: Câmara Municipal de Almodôvar. pp. 477-496.

PEREIRA, Manuela (2015) – Aspectos da morte na nobreza do século XVII. A escavação da Cripta dos Mascarenhas no Convento da Saudação em Montemor-o-Novo. *Almansor*, nº1, série 3. Montemor-o-Novo. pp. 109-136.

PIMENTA, Maria Cristina (2001) – As Ordens de Avis e de Santiago na baixa Idade Média: o governo de D. Jorge. *Militarium Ordinum Anacleta*, nº 5. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida.

RAFAEL, Lígia; PALMA, Maria de Fátima; FORTUNA, Rute; RODRIGUES, Clara (2015) – Os elementos de adorno na necrópole medieval e moderna da alcáçova do castelo de Mértola in *Arqueologia de Transição: O Mundo Funerário: actas do II Congresso Internacional sobre Arqueologia de Transição*. Évora: CHAIA. pp. 258-271.

ROSS, Andrew (1999) – Amber. Harvard: Harvard University Press.

SABROSA, Armando; SANTO, Paulo Espírito (1992) – Almada medieval/moderna: projecto de investigação. *Almadan*. 2 Série. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. pp. 5-12.

TREFFORT, Cécile (1993) – Le spectacle de la mort dans la iconographie du haut moyen age, in *A Réveiller les morts. La mort au quotidien dans l'Occident medieval*, Lyon: Presses universitaires de Lyon (pp. 167-82).

VITERBO, Francisco Sousa (1903) – A pesca do coral no século XV, *Archivo Historico Portuguez*, vol. I. Lisboa. pp. 315-320.



B



C

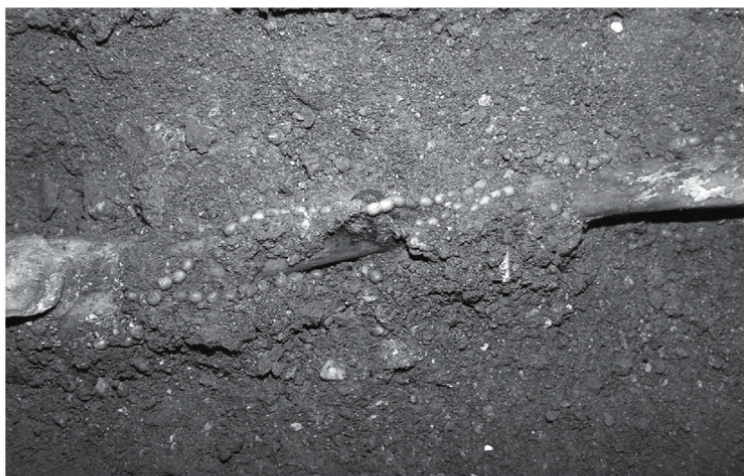


Figura 1 – Planta geral das intervenções na Igreja da Misericórdia de Almada (A) (desenho: Arquivo CAA, vectorização: V. Dias); Pormenores do espólio nas sepulturas 3 e 11 (B e C) (Arquivo CAA).



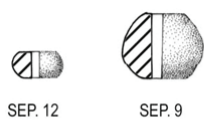
Figura 2 – Igreja da Misericórdia de Almada. Elementos dos caixões. Fechadura (Sep. 2) e pegas de caixão (Sep. 5) em ferro; debrum e pregos de forro do caixão, com vestígios do tecido e da madeira ainda conservados (Sep. 5).

CONTAS EM OSSO

Contas esféricas



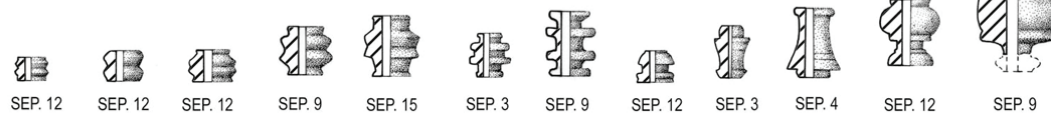
Contas esféricas achatadas



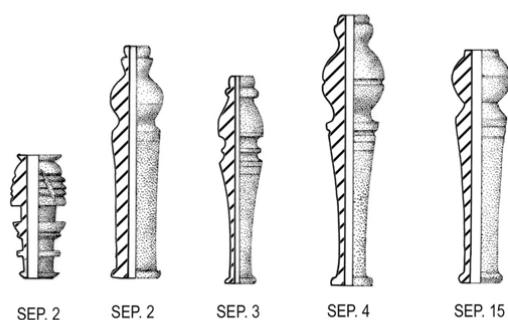
Contas ovais



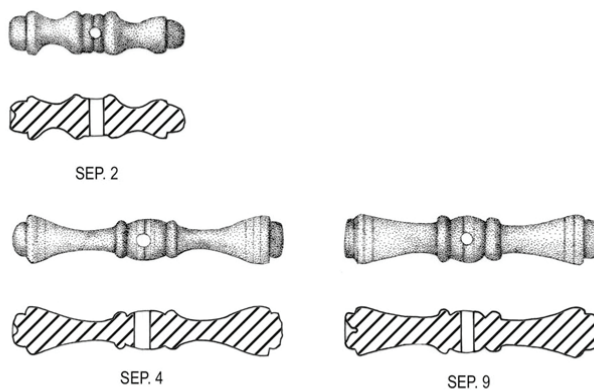
Contas torneadas



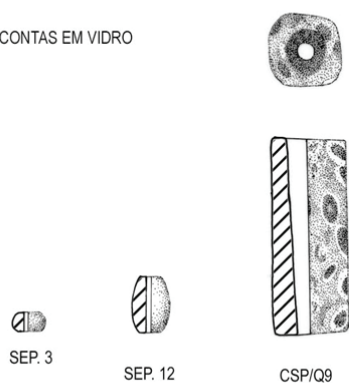
Contas em balaústre



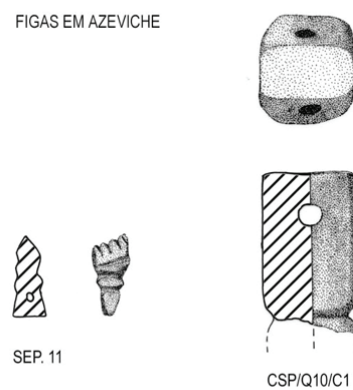
Braços de cruz



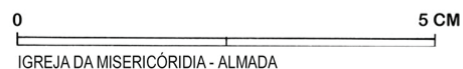
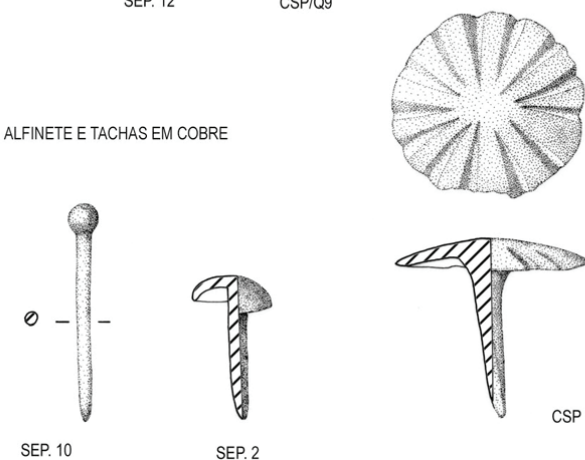
CONTAS EM VIDRO



FIGAS EM AZEVICHE



ALFINETE E TACHAS EM COBRE

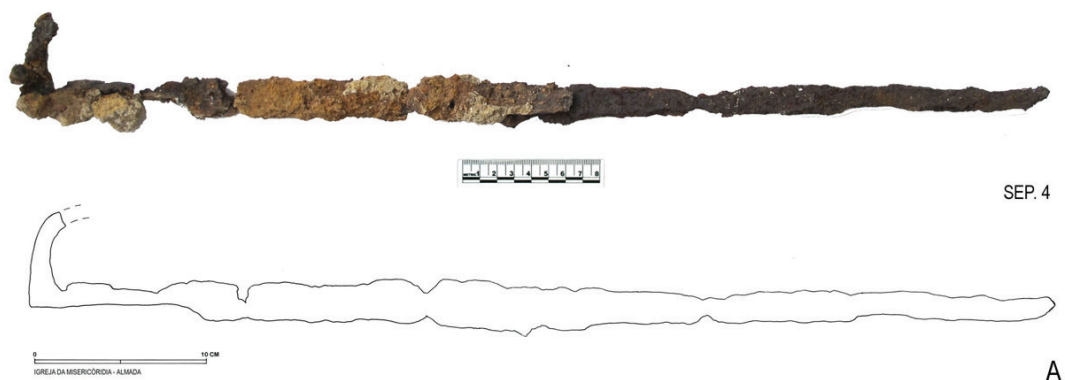


IGREJA DA MISERICÓRDIA - ALMADA

Figura 3 – Igreja da Misericórdia de Almada. Tabela tipológica de contas, em osso e em vidro; figas, em azeviche; alfinetes e tachas, em cobre (desenhos J. Gonçalves).



Figura 4 – Igreja da Misericórdia de Almada. Espólio em cobre (A); âmbar (B); coral (C); vidro (E); vidro *millefiori* (F); e proposta de reconstituição de um terço, composto por algumas das contas de osso recolhidas na sepultura 9 (G).



SEP. 4

A



SEP. 2

B



SEP. 4

SEP. 11



SEP. 4

SEP. 15

SEP. 11

C



Figura 5 – Igreja da Misericórdia de Almada. Espada de ferro (A); elementos de adorno em madeira e enrolamentos de cobre (B); medalhas, em cobre (C).

